



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE GEOGRAFIA

**A MICROINDÚSTRIA CALÇADISTA EM CAMPINA GRANDE-PB: ESTUDO
DE CASO SOBRE O “PROJETO FABRICAÇÃO”**

ÁLVARO ARAÚJO DE LIMA

CAMPINA GRANDE- PB
2017
ÁLVARO ARAÚJO DE LIMA

**A MICROINDÚSTRIA CALÇADISTA EM CAMPINA GRANDE-PB: ESTUDO
DE CASO SOBRE O “PROJETO FABRICAÇÃO”**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento as exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. LINCOLN DA SILVA DINIZ

CAMPINA GRANDE- PB
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L732m Lima, Álvaro Araújo de.
A microindústria calçadista em Campina Grande-PB: um estudo de caso sobre o "Projeto Fabricação" / Álvaro Araújo de Lima. – Campina Grande, 2017.
28 f. il. ; color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz".
Referências.

1. Microindústria Calçadista. 2. Projeto Fabricação. 3. Trabalho Informal.
I. Diniz, Lincoln da Silva. II. Título.

CDU 685.341.1(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: ÁLVARO ARAÚJO DE LIMA

TÍTULO: A MICROINDÚSTRIA CALÇADISTA EM CAMPINA GRANDE-PB: estudo de caso sobre o "Projeto Fabricação", bairro Santo Antônio

Campina Grande (PB), 17 de agosto de 2017.

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UFCG - Orientador)

Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo (UFCG - Examinador Interno)

Prof. Ms. Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida (Examinadora Externa)

DEDICATÓRIA

Este trabalho dedico primeiramente a Deus, por ter me concedido o dom da vida, sabedoria e saúde, e por sempre se fazer presente ao meu lado, e dedico o mesmo, a minha mãe Antônia Araújo e ao meu pai João Gomes de Lima, os quais sempre batalharam para dá uma vida digna, honesta e repleta de amor aos seus filhos, eles são os principais responsáveis por tudo que sou, e são os grandes amores da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, por ele ter cuidado e me guiado ao longo destes meus 24 anos de idade, por ter me concedido sabedoria, saúde, alegria e muito amor, agradeço por ele está comigo 24 horas por dia, nos momentos bons e nos momentos difíceis, me fazendo acreditar, me fortalecendo e me ensinando que os seus planos são os melhores para minha vida, tenho total certeza e sou grato, porque sei que ele esteve comigo em todas etapas deste curso e do referido trabalho, Deus é lindo!

Agradeço aos meus pais, minha mãe Antonia Araújo, ou como costume dizer “minha rainha”, a quem devo tudo que sou, é a pessoa que mais me apoiou na vida, que fez de tudo para me dá uma vida digna, com educação, honestidade, humildade, carinho e muito amor, é na minha mãe que vejo e sinto o amor de Deus, te amo minha mãe! Meu pai João Gomes de Lima foi o grande exemplo de homem que tive e do qual tiro minha inspiração, com todo seu caráter, uma pessoa que todos amavam, mas que hoje está no céu, agradeço por tudo que o senhor fez por mim, pelo amor e zelo, sempre te amarei meu pai “João Grande”!

Agradeço aos meus irmãos Andrey, André, Gilson e João, pelo apoio e amor, as minhas tias e tios, em especial Avani, Severina que contribuíram com muito carinho, apoio e cuidado com minha pessoa, meus avós já falecidos pelos ensinamentos e bons costumes repassados, aos meus primos que são muitos, mas que destaco Flávio, que além de primo é um grande amigo, sempre esteve ao meu lado, e as minhas cunhadas, e sobrinhos e demais familiares.

Agradeço a meus amigos que foram concedidos por Deus, em especial Danilo meu amigo, um grande irmão que está comigo pra tudo, Cláudio um amigo que tenho grande consideração é um irmão, Ewerton um irmão que me ensinou muito, Anderson da infância para vida meu grande irmão, Rayslan grande amigo da infância, Yure amizade de infância que a cada dia cresce mais, Rayan um amigo que faço questão de ter por tudo que já vivemos juntos e sei que é de verdade é um irmão, Wesklemyr um primo, irmão e amigo Deus foi muito bom ao ter te colocado em minha vida, a Dani a minha amiga e irmã que sempre esteve ao meu lado desde o ensino médio até os dias de hoje, amo você, Aluska dispensa comentários, és muito especial, aos demais amigos que são muitos meu muito obrigado, amo e sou grato por tê-los!

Agradeço a todos os amigos que fiz durante a graduação, por cada ensinamento, gestos de amizade e companheirismo, quero agradecer em especial a Felipe, Janailson e Janduy aquele quarteto que fez história, amo vocês e estarão sempre no meu coração meus amigos, ao demais companheiros como Alisson, Katia, Vania, Bruno, Michel, Erik, Odaiza, Ivana, Nito, Bruno, Thiago, entre outros.

Agradeço a todos que fazem parte do PIBID, aos coordenadores Eugenio, Murilo e Sonia, a minha supervisora Patricia Marinho, professores que contribuíram bastante para meu crescimento, aos meus amigos Cleilton, Daniel, Daniele, Denize, Iranildo, Gustavo e Matheus e todos que fazem parte do Escola Caic José Jofilly, foi uma experiência incrível.

Agradeço a todos os professores que tive ao longo da vida, contribuindo com meu crescimento nos diversos âmbitos, vocês são fantásticos!

Agradeço a E.E.E.F.M. Assis Chateaubrind, na pessoa da Diretora Fátima, e dos professores (as) Juliana, Suzy e Leônidas que me estiveram ao longo dos estágios supervisionados, e todos que fazem parte desta instituição fica meus agradecimentos.

Agradeço a todo corpo docente do curso de Geografia da UFCG do Campus de Campina Grande, através dos quais obtive muito ensinamentos, que contribuirão para meu crescimento e chegada até esta etapa, são muitos professores e não mencionarei, pois posso esquecer-me de algum, mas minha gratidão é gigantesca!

Agradeço ao meu orientador o Professor Lincoln, um profissional muito qualificado, que contribuiu muito ao longo do curso com suas ótimas aulas, e que abraçou a proposta deste trabalho e deu total apoio na realização do mesmo, mais que um professor o senhor se tornou um grande amigo!

Agradeço a todos que fazem parte do Projeto Fabricão, por toda contribuição, gentileza e respeito que tiveram comigo ao longo da realização do mesmo, expresso aqui minha gratidão.

Por fim, agradeço a todos que sempre estiveram ao meu lado, acreditando, incentivando, meu coração sabe o quanto vocês significam pra mim, hoje estou realizando um sonho e vocês contribuíram de alguma forma pra isso!

Muito Obrigado!

E Jesus disse-lhe: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.

Marcos 9:23

LIMA, Álvaro Araújo de. **A MICROINDÚSTRIA CALÇADISTA EM CAMPINA GRANDE-PB: ESTUDO DE CASO SOBRE O “PROJETO FABRICAÇÃO”**. P 21. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2017.

RESUMO

A indústria calçadista na cidade de Campina Grande-PB é uma das responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município, e dentro deste ramo industrial encontra-se a atividade calçadista informal, responsável por gerar emprego e renda para muitas famílias, como também ocasionar diversas transformações espaciais nos bairros. Essa atividade é encontrada em muitos bairros da cidade, especialmente em localidades situadas na parte leste da cidade de Campina Grande-PB. Neste espaço, há uma grande concentração de micro indústrias deste seguimento, e justamente nesta área destacamos o objeto de estudo desta pesquisa, o “Projeto Fabricação” ou “Fabricação Calçados”, localizado no bairro Santo Antônio. Trata-se de um espaço cedido pela prefeitura municipal para abrigar doze (12) micro indústrias do ramo calçadista, sendo um dos mais importantes espaços que trabalham com esse seguimento no município, tendo em vista isso, foi realizado um estudo de caso no mesmo, com o objetivo de discutir sobre como acontece a dinâmica industrial do espaço do Projeto “Fabricação” e a relação que o mesmo tem com a população trabalhadora local. Para a realização deste estudo foi utilizado questionários e entrevista com funcionários e proprietários das micro indústrias existentes no local, como também visitas *in loco*, onde foi possível entender como acontecem as dinâmicas industriais presentes no local através de suas micro indústrias, além da sua importância nas transformações espaciais no seu entorno, geração de emprego e renda e dificuldades enfrentadas ao longo dos anos.

Palavras-chave: Micro indústria Calçadista. Projeto Fabricação. Trabalho Informal.

ABSTRACT

The footwear industry in the city of Campina Grande-PB is one of the responsible for the economic development of the municipality, and within this industrial branch is the informal footwear activity, responsible for generating jobs and income for many families, as well as causing several spatial transformations in the This activity is found in many neighborhoods of the city, especially in localities located in the eastern part of the city of Campina Grande. In this space, there is a great concentration of micro industries of this follow-up, and precisely in this one that we highlight the object of study of this research, The "Fabrication Project" or "Fabricação Calçados", located in the Santo Antônio neighborhood. It is a space provided by the city hall to house twelve (12) micro industries of the footwear sector, being one of the most important spaces that work with this follow-up In the municipality, in view of this, a case study was carried out in the same, with the objet To discuss how the industrial dynamics of the “Fabricação” Project space and the relationship it has with the local working population. In order to carry out this study, questionnaires and interviews with employees and owners of the existing micro-industries in the locality were used, as well as visitas *in loco*, where it was possible to understand the industrial dynamics present in the locality through its micro industries, besides its importance in the transformations Space in their surroundings, generation of employment and income and difficulties faced over the years.

Key words: Micro footwear industry. Fabric Design. Informal Work.

1. INTRODUÇÃO

A indústria tem um papel importante no desenvolvimento das grandes e médias cidades, no caso de Campina Grande-PB não é diferente, o município tem no seu setor industrial uma das principais fontes econômicas, com destaque para o seguimento industrial calçadista, liderado pelo Grupo São Paulo Alpargatas, grande empresa calçadista, reconhecida nacionalmente e responsável por exportar sua produção para diversos países.

Por outro lado, a margem da formalidade, encontramos micro indústrias deste mesmo seguimento, que trabalham na informalidade, muitas em fundo de quintal, com poucos funcionários e poucos recursos, desempenhando um papel importante na geração de emprego e renda, bem como transformações espaciais. Tais características são comuns ao “Projeto Fabricão” ou “Fabricão Calçados”, espaço construído para abrigar micro indústrias do ramo calçadista no Bairro Santo Antônio, localizado na Zona Leste da cidade, responsável por desenvolver expressivo papel socioeconômico e sócio espacial na referida localidade e seu entorno.

Com base nessa expressiva participação do “Fabricão” e as atividades desenvolvidas por meio de suas micro indústrias calçadistas nas dinâmicas que envolvem a localidade e sua população, foi realizado este estudo que tem como principal objetivo discutir sobre a dinâmica industrial do espaço do Projeto Fabricão e sua relação com a população trabalhadora local. Procurando identificar os processos e as formas de produção desenvolvidas pelas empresas instaladas no referido projeto, como também conhecer as redes de comercialização da produção calçadistas destas empresas industriais mencionadas e estudar o papel social e econômico deste setor fabril selecionado para as populações trabalhadoras.

Este estudo compreende uma pesquisa na área da Geografia Econômica, especialmente da subárea Geografia das Indústrias. Onde foram utilizados como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico a cerca dos conceitos de indústria e espaço e suas relações, como também a indústria calçadista em Campina Grande-PB, foram realizados estudos de campo nas dependências do Fabricão, juntamente com a aplicação de questionários e entrevistas, além de auxílio da pesquisa em gabinete.

O estudo tem início através de uma breve explanação sobre os conceitos de espaço e indústria, os quais foram destacados recortes da história da indústria e como a mesma exerce influência na transformação do espaço, de forma a detalhar essa relação. Posteriormente é visto como se deu o processo industrial calçadista e produção do espaço em Campina Grande-PB. Em seguida será apresentado o Projeto Fabricão no bairro Santo Antônio, objeto de nosso estudo, dando ênfase para alguns pontos importantes a exemplo da história do mesmo, produção calçadista, emprego e renda.

Por fim, são apresentados os resultados do estudo e considerações finais com destaque para o atual cenário que vive as micro indústrias presentes no Fabricão, o

papel socioeconômico exercido e as dificuldades que são encontradas atualmente neste ambiente fabril.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Espaço e indústria

Tendo em vista o papel histórico da indústria na produção do espaço, vários autores atribuem a este setor da economia urbana a sua relação determinante no surgimento de um novo meio geográfico. Este meio é interpretado por Milton Santos (2008) como um espaço cada vez mais tecnificado e cientificizado. Para o referido autor, o meio técnico-científico-informacional corresponde a esta realidade espacial atual. Neste contexto, a indústria assume um papel preponderante na produção e condução deste processo.

A ideia de *fixos e fluxos*, já apontada por Santos em décadas passadas, constitui uma abordagem essencial para o entendimento das dinâmicas espaciais. Explica M. Santos que:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem o lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 2008, p.63).

A partir desta ideia, é possível entendermos a dinâmica do setor industrial, bem como a sua relação na produção e reprodução dos espaços. No caso de uma micro indústria, entendida como um fixo, identificam-se inúmeros fluxos de pessoas e mercadorias.

Conforme a empresa ali instalada produz ela ocasiona um movimento de fluxo, que possibilita a instalação de novos serviços nas proximidades a exemplo de lanchonetes, supermercados, aumentando o fluxo daquele espaço. Ao final do processo, vemos que aquele fixo, que está ativo naquele espaço físico, influenciou a partir dos seus fluxos, o seu entorno, ocasionando mudanças espaciais em diferentes períodos.

A sociedade contemporânea é marcada pelo surgimento e desenvolvimento dos meios de produção, que por sua vez, revolucionaram as formas e a intensidade de transformação da paisagem, principalmente, no espaço urbano. Em virtude do surgimento da indústria, as concepções do espaço tiveram intensas transformações, pois implicaram em novas apreensões do espaço. A partir da lógica de mercado, o espaço

tendo não mais um valor de uso, este passa a ter valores de troca. Sobre a influência da lógica capitalista com o espaço habitado e produzido pelo homem, afirma Carlos (1992, p.15) que: “[...] o espaço geográfico deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio circundante. Essas relações são antes de mais nada, relações de trabalho.”

Para que haja um entendimento melhor dessa temática é necessário inicialmente fazer um breve retrospecto sobre a relação do espaço com a indústria. Estes apresentam uma longa e antiga relação, dentro desse vínculo, a indústria se torna indispensável no processo de desenvolvimento do espaço urbano, funcionando de forma orquestrada e trocando benefícios entre si, “[...] a produção do espaço urbano realiza-se concretamente, a partir do trabalho industrial que subordina, cria e determina outras atividades produtivas (como o comércio e os serviços).” (CARLOS, 1992. p.36), e esse cenário ganhou bastante força com a adoção do modo de produção capitalista, substituindo o antigo modelo de produção feudal, que se baseava na produção para subsistência. Explica ainda Carlos (1992, p.25) que: “A produção feudal se caracterizava pela distribuição da terra. A riqueza significava números de servos e não quantidade de dinheiro e propriedades, como hoje”.

Nos dias atuais o modelo de produção capitalista apresenta uma grande contribuição para o crescimento do espaço urbano. Um modelo que é dominado por alto nível de consumo, o que se tornou o grande combustível desse crescimento e conseqüentemente a moldagem do espaço, favorecendo o surgimento de outros tipos de serviços.

Carlos (1992) ainda faz a comparação deste modelo de produção industrial com a tradicional produção agropecuária, que por sua vez ocupa grandes extensões territoriais, enquanto que os setores fabris apresentam uma organização e distribuição mais pontual. Sendo que, para a autora, a indústria, é capaz de transformar e integrar o espaço e sociedade em diferentes escalas, mesmo que de forma muito desigual e contraditória. Expressa a autora:

Enquanto a atividade agrícola ocupa grandes extensões do planeta, a atividade industrial se concentra em pontos do espaço. Todavia dessa pequena concentração tem o poder de articular e integrar, através do mercado e da divisão espacial e internacional do trabalho, todo o universo. Isso significa que a indústria é a atividade capaz de produzir e desenvolver a integração de vastas áreas. (CARLOS, 1992. p.20)

É importante frisar que historicamente a indústria é encontrada nos centros urbanos, apresentando uma concentração espacial em perímetros menores que o campo,

e esse mesmo perímetro vão exigir relações entre a sociedade e meio circundante, prioritariamente as relações de trabalho.

Enquanto a indústria se mantém concentrada em determinada fração espacial, suas transformações não se preservam apenas aquele espaço delimitado. O raio de alcance da produção chega a atingir proporções mundiais, devido ao movimento de mercadorias e trocas. Segundo Carlos (1992, p.23), “Se por um lado, a indústria é um fenômeno concentrado que gera grandes aglomerações urbanas, de outro, suas articulações extrapolam os limites do “espaço próximo” para se inter-relacionarem com espaços mais amplos, cujos limites são aqueles do globo terrestre”, ou seja, uma indústria localizada em Campina Grande pode através desse processo de trocas estabelecerem relações com o mercado consumidor da China e vice versa.

Em meio a esse cenário industrial, os espaços centralizados apresentam suas particularidades e divisão sócioespacial do trabalho, que posteriormente através da concentração de componentes começam a apresentar uma hierarquização na rede urbana. “A aglomeração da população, dos meios de produção e capitais num determinado ponto do espaço, multiplica os pontos de concentração e produz uma rede urbana articulada e hierarquizada” (CARLOS, 1992, p.35).

Como reflexo disso e da inserção de tecnologia no processo produtivo, é possível observar as diferentes modalidades industriais como as grandes, médias e micro indústrias, em contraste no espaço urbano, na qual as grandes indústrias apresentam um acervo tecnológico e maquinário moderno, estrutura física adequada, mão de obra tecnicamente qualificada, que exporta para muitas partes do globo, e apresenta um grande lucro. Já as micros indústrias em sua maioria são informais, sua produção é realizada em pequenos espaços a exemplo de fundo de quintais, com bastante mão de obra familiar e que tem como meio de produção técnicas mais artesanais devido a falta de condição para utilizar um maquinário novo que possibilite fazer mais peças com uma melhor qualidade.

A indústria historicamente tem um papel fundamental no processo de urbanização, quando a zona urbana começa a se desenvolver, ganhando notoriedade a partir do surgimento de indústrias, muitas pessoas que saíram do campo para as cidades a procura de melhores condições de vida e trabalho, o chamado fenômeno êxodo rural, vinham para zona urbana através do grande número de ofertas de empregos disponibilizados pelas indústrias, atraindo assim um grande número de trabalhadores, e esse modo de produção capitalista influencia nesse cenário, transformando o espaço

urbano que está com grande aglomeração de pessoas e com mão de obra produtiva, em uma potencia no quesito espacialidade e acumulação de capital. Ana Fani afirma que “A cidade ganha maior influência sobre o campo, tornando-se a expressão espacial mais importante do sistema de produção capitalista. E assume papel dinâmico na produção do espaço tanto nacional quanto internacional” (CARLOS, 1992, p.47).

E em meio a essa urbanização, a indústria apresenta seus interesses em determinados lugares no espaço que traga algum retorno e que sejam interessantes para o progresso de seus empreendimentos, e esse mesmo espaço escolhido apresentará transformações e atingirá ao público envolvido no processo.

Outro ponto importante a ser analisado sobre a indústria é o local que a mesma está inserida, essa localização apresenta identidade histórica, a exemplo dos bairros de José Pinheiro e Santo Antônio em Campina Grande-PB, ambos são reconhecidos como bairros que apresentam um grande número de micro empresas, formais e informais, especialmente do ramo calçadista, que são importantes responsáveis pelas transformações espaciais, econômicas e sociais ali presentes. Sobre a questão da localização industrial, aponta Carlos que:

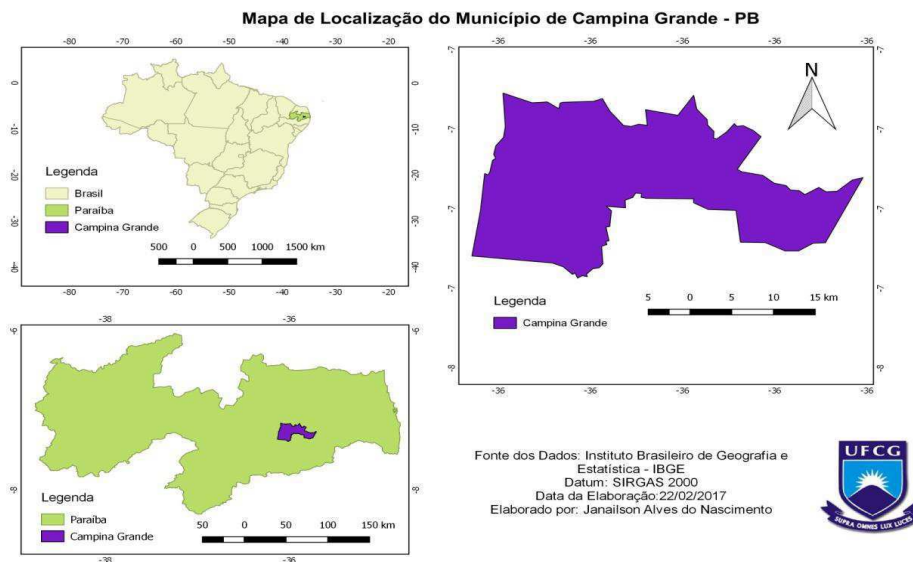
A localização industrial entendida como o lugar ocupado pela indústria no espaço significa um entendimento mais amplo do que a simples pontuação ou endereço das indústrias no mapa. A localização da indústria insere-se no processo da industrialização que determina, historicamente, o lugar a ser ocupado por cada indústria. Do ponto de vista espacial, esse lugar resulta da divisão espacial e internacional do trabalho num dado momento histórico (CARLOS, 1992, p.20).

3. INDÚSTRIA CALÇADISTA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM CAMPINA GRANDE-PB

Campina Grande- PB (Figura 01), segunda maior cidade do estado da Paraíba, é um dos maiores e mais influentes municípios no interior do Nordeste brasileiro, está situado na Mesorregião do Agreste Paraibano, mais precisamente no Planalto da Borborema, a aproximadamente 120 km de distância da capital paraibana João Pessoa, seu bioma predominante é a Caatinga, e seu clima é o Semiárido, com temperatura média anual de 25° C, faz fronteira com os seguintes municípios respectivamente; ao Norte: Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã; Ao Sul: Queimadas, Fagundes, Boqueirão e Caturité; Ao Leste: Riachão do Bacamarte; E Oeste: Boa Vista. Sua área territorial segundo dados do IBGE 2016 é de cerca 593,026 km², tendo uma

população estimada em 407.754 habitantes (IBGE, 2016) e uma densidade demográfica de 648,31hab/km².

Figura 1: Localização do Município de Campina Grande-PB



FONTE: NASCIMENTO, 2017

Campina Grande apresenta uma grande potencialidade em diversos segmentos que elevam a representatividade do município dentro da região Nordeste, se expandindo pelo território nacional e até internacional, com grande destaque para a cultura, educação e a indústria.

Na educação o município apresenta escolas da rede municipal, rede estadual e rede privada de ensino, que abrangem desde as séries iniciais até o ensino médio, além de duas universidades públicas a UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e a UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), como também um elevado número de instituições privadas de ensino superior, conta também com escolas técnicas e profissionalizantes a exemplo da ETER (Escola Técnica Redentorista) e SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), instituições responsáveis pela formação e capacitação dos mais diversos profissionais para o mercado de trabalho. A cidade ganhou destaque como um dos maiores polos tecnológicos da América Latina muito desse reconhecimento proveniente dos cursos da UFCG, mais especificamente o curso de Ciência da Computação responsável pelo desenvolvimento de diversos softwares de ponta.

Na indústria a notoriedade do município prevalece devido ao grande polo industrial presente, com grandes indústrias instaladas a exemplo da São Paulo Alpargatas, que trabalha com o ramo calçadista, é produtora da marca de sandálias Havaianas, e algumas outras marcas, sendo responsável por uma grande geração de emprego e renda em Campina Grande e municípios circunvizinhos. Neste mesmo véis, podem ser citadas também a COTEMINAS (Companhia de Tecidos do Norte de Minas) do ramo têxtil e a Metalúrgica Silvana, grandes indústrias que competem e estão inseridas no mercado interno e externo.

Além destas grandes indústrias existe um segmento industrial menos reconhecido, mas que é bastante presente na cidade, apresentando um importante papel econômico, social e de representatividade espacial, trata-se dos pequenos produtores formais e informais, o qual analisamos neste presente estudo o polo calçadista informal e de pequeno porte, que é um dos principais motores econômicos industriais da cidade de Campina Grande.

A indústria calçadista é um dos principais segmentos industriais encontrados hoje em Campina Grande, tendo inclusive um papel importante no desenvolvimento do município, mas este não foi o primeiro seguimento industrial presente na cidade, sendo assim, é importante compreender como se deu o surgimento do processo industrial na cidade, para que então possamos compreender e estudar como o segmento da indústria calçadista se fixou e vive até os dias atuais. Sobre este setor industrial instalado na cidade, descreve Almeida (2011, p.22) que:

Reconhece-se que a origem da industrialização na cidade de Campina Grande é importante para compreensão das transformações sócio espaciais e econômicas que se evidencia na contemporaneidade. É essencial estudá-las de forma geral, para então partir para o específico, no caso, a indústria calçadista, pois, assim, é possível entender a importância desta economia e na sociedade de antes, e do período atual.

Muitos anos se passaram desde que Campina Grande foi elevada a categoria de cidade em 1864. Após diversas etapas históricas no seu desenvolvimento urbano, o município apresenta os primeiros indícios de desenvolvimento industrial no século XX, motivados por dois fatores que trabalharam em sintonia, que foram a chegada do transporte ferroviário e o comércio algodoeiro.

As estradas de ferro começaram a serem construídas na Paraíba em meados de 1880 e logo nos anos seguintes essas estradas já começavam a funcionar, trazendo consigo o progresso e fluxo de economia por onde passava o trem, a estrada foi

crecendo e alcançando novas localidades, interligando a Paraíba e Rio Grande do Norte.

Uma década após o início do funcionamento, o governo federal alugou a linha férrea a uma empresa inglesa que procurou trabalhar um percurso de Pilar-PB até Timbaúba-PE, com Campina Grande como Estação Ferroviária Principal, ocasionando uma grande transformação para o município, que passava a ser ponto de parada e comercialização e distribuição de mercadoria, neste cenário a produção do algodão cresceu, Campina era abastecida pelo algodão produzido na região e trazido pelos tropeiros que comercializavam o produto e ainda levavam para suas casas mercadorias vendidas no mercado local, e observando os benefícios dessa relação do algodão e a linha férrea, e com a produção primária, principalmente economicamente, foi visto com bons olhos um processo de industrialização local que já acontecia no Brasil, trazendo em pauta um patamar de modernização.

Além disso, a chegada da linha férrea permitiu o crescimento industrial e de novas estruturas urbanas, sobretudo, as ligadas ao cultivo do algodão, como: galpões para estoque e beneficiamento do algodão, pequenos fabricos, comércio varejista e atacadista. (VASCONCELOS, 1980*apud* PEREIRA, 2008).

Com essa nova filosofia voltada para a modernização, novos mecanismos foram introduzidos nos processos produtivos e com isso o capitalismo ganhou força, já que a exportação do algodão estava em alta, havia todas as condições favoráveis para a produção, comercialização e o transporte, o espaço urbano então começou a se expandir, a cidade alcançava novos patamares regionais, passando a ser incluída em planos de reforma urbanística a fim de se adequar as novas possibilidades proporcionadas por seu crescimento econômico como também para seu embelezamento.

E a indústria local não apresentava muitas variáveis no que se refere à mercadoria ou segmento produzido, a não ser em alguns períodos de crises, ocasião em que foram procurados segmentos mais viáveis para as necessidades da época como o ramo metalúrgico, mas no geral a base industrial era voltada para o algodão e indústria têxtil, mas mesmo assim a cidade procurava alavancar o processo industrial, o que chamou a atenção da FIEP (Federação das Indústrias do Estado da Paraíba) que instalou sua sede na cidade e tomou partido de uma série de atividades que procuraram desenvolver a estrutura produtiva que já havia em Campina Grande, mas que tinha muito a crescer, e esse processo teve como mecanismo de apoio a SUDENE

(Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) que prometeu financiar essa arrancada da indústria, proporcionando um crescimento urbano, e implantando uma nova política industrial. Sobre esse processo, destaca Oliveira (2007) *apud* Almeida (2011 p 27):

No caso de Campina Grande, sob o incentivo da SUDENE, verifica-se a concentração e constituição de capital para a instalação do distrito industrial da cidade através de incentivos que contribuíram para torná-la no período de 1969 a 1979, um dos grandes centros da atividade industrial moderna, tanto do Estado como também do interior nordestino.

Em meio a esse cenário industrial, os relatos da época procuram mostrar que o seguimento da indústria calçadista em Campina Grande começa a surgir a partir de curtumes que eram estabelecimentos comerciais que trabalhavam com o couro voltado para a produção calçadista, ou ainda que os sapateiros já trabalhassem nesse seguimento antes mesmo que os curtumes, segundo Souza (2006) *apud* Almeida (2011, p. 33):

[...] a origem das indústrias de calçados de Campina Grande é marcado por polêmicas. Uma suposição é que as fabriquetas de calçados tenham sido originadas dos primeiros curtumes da cidade; outra, que os primeiros sapateiros, mesmo antes dos curtumes já trabalhavam com esta tarefa que traziam a matéria-prima de outros lugares; sem dúvida, foram os curtumes que incitaram as indústrias de calçados.

Sendo assim, os curtumes tiveram um papel importante no desenvolvimento da atividade calçadista, e um dos principais curtumes foi o de João Francisco Motta, na década de 1920 (Não apresentam uma data oficial), que em conjunto com seus irmãos criou o conhecido Curtume dos Mottas, que promoveram a atividade que se utilizava do couro e que gerou bastante emprego e renda para época em questão.

Essa atividade de beneficiamento do couro acarretava em um desperdício de matéria prima, muito devido à operação ser artesanal, e o couro que sobrava era reutilizado para confecção de chinelos por sapateiros, não caracterizando ainda uma produção fabril, acontecendo logo após a década de 1930, com o comércio desses objetos produzidos com o couro do Curtume dos Mottas, surgindo uma pequena fabriqueta no fundo de uma loja. Souza (2006) afirma que: “Um dos fundadores das oficinas de fundo de quintal foi Luiz Gomes Bezerra”. Após isso muitos outros curtumes surgiram.

Posteriormente entre 1937 e 1945, muitas fábricas surgiram, em torno de 35 indústrias calçadistas, mas que foram afetadas pelas crises existentes na época, no

entanto os curtumes não foram afetados pelas crises, tendo em vista que eles exportavam para o exterior, vindo a enfrentar dificuldades em meados das décadas de 1960 e 1970 por conta da forte concorrência o Rio Grande do Sul, em contrapartida o setor calçadista cresceu, quando após alguns anos de crise, em 1957 a indústria calçadista utilizou de outras matérias primas a exemplo do couro sintético tornando o calçado mais acessível à população e elevando a economia e produção (SOUZA, 2006).

Nas décadas de 1970 e 1980 algumas empresas formais do ramo calçadista se instalaram na cidade, principalmente pela herança coureira e grande número de sapateiros existentes que apresentavam certa experiência no ramo. Na década de 1980 chegou a Campina Grande duas empresas de renome, a São Paulo Alpargatas que confecciona entre muitos produtos as sandálias Havaianas, assim como também a empresa Azaleia, que comercializava pra todo o país e para o exterior.

Diferente das grandes indústrias formais, as pequenas indústrias ou como grande parte é considerada “indústrias informais”, por muitas vezes foram instaladas em fundo de residências, nos quintais, apresentando uma mão de obra familiar, em que muitos trabalhadores dividiam as tarefas na produção com as atividades domésticas, outro ponto a ser evidenciado é a localização, grande parte dessas fábricas foram instaladas no bairro do José pinheiro por ter uma proximidade com a Feira de Calçados, localizada na Feira Central de Campina Grande, mas isso não restringe que essa produção seja apenas local, muito dessa produção é comercializado com outros estados do país.

4. O PROJETO FABRICAÇÃO NO BAIRRO DE SANTO ANTONIO: PRODUÇÃO CALÇADISTA, EMPREGO E RENDA.

Bairro de Santo Antônio, localizado na “Zona Leste” da cidade de Campina Grande-PB, bairro que surgiu através de uma parcela de terras originárias do bairro de José Pinheiro que foram doadas pelos herdeiros da propriedade, para que fosse construída uma capela, que homenagearia Santo Antônio, e posteriormente essa área em volta da capela formaria o bairro de Santo Antônio, como relata Gurjão *et.al.* (1999) *apud* Nicácio (2009, p.37):

[...] Em 1947 devido ao crescimento e desenvolvimento do bairro de José Pinheiro, foi ajustado que uma parcela do espaço, sobretudo aquela em volta da Capela de Santo Antônio, a partir de então se tornaria um Bairro; a ele foi dado o nome de Santo Antônio em homenagem ao Santo Padroeiro da capela.

É justamente no bairro de Santo Antônio que é localizado o objeto deste estudo, o “Projeto Fabricão” ou “Fabricão Calçados” (Figura 02,03 e 04), importante espaço do ramo calçadista de Campina Grande-PB, exercendo influência no setor informal de calçados na Zona Leste da cidade, inclusive ao bairro de José Pinheiro, onde é encontrada grande concentração de micro indústrias deste setor, como afirma Almeida (2011, p.59):

É importante salientar, que a presença proeminente das indústrias informais de calçados no José Pinheiro, está ligada em parte, ao “Fabricão”, que é a essência da informalidade presenciada na pesquisa, este que é um espaço ocupado por produtores informais.

Figura 02: Projeto “Fabricão”.



Fonte: Lima, 2017.

Figura 03: Micro Indústrias Projeto “Fabricão”.



Fonte: Lima, 2017.

Figura 04: Processo de fabricação de calçados- Projeto “Fabricão”



Fonte: Lima, 2017.

Com base em relatos de antigos trabalhadores deste espaço fabril, o “Fabricão” foi construído na gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro, na década de 1980, inicialmente com o intuito de ser um local que funcionaria um mercado público no bairro. No entanto, o prédio foi tomando outras funcionalidades, inclusive sendo depósito de materiais e alimentos.

Já no final da década de 1980, mais precisamente em 1988, o prefeito da época, Ronaldo Cunha Lima iniciou um processo de resgate do local, dada a grande utilidade que aquele espaço físico poderia exercer para a população ali presente. Através da parceria Prefeitura Municipal de Campina Grande e SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) foram instalados um série de cursos profissionalizantes, com ênfase aos cursos de corte e costura e produção de calçados, atendendo um grande número de moradores daquela localidade e bairros vizinhos, os capacitando para o mercado de trabalho. Muitos destes profissionais abriram suas pequenas fabricas em fundos de quintais, onde geralmente o trabalho era feito de forma artesanal e eram indústrias familiares em que vários membros de uma mesma casa, parentes e amigos,

desempenhavam funções na produção das peças, e essa produção era o que garantia fonte de renda para família.

Posteriormente ao mandato de Ronaldo Cunha Lima, o seu sucessor, na ocasião prefeito Cássio Cunha Lima foi o responsável por uma reforma nas instalações do “Fabricão”, onde através de um cadastro ele contemplou diversos produtores de calçados com espaços físicos no prédio. Estes produtores, todos originários das produções de fundo de quintal, e muitos moravam e continuam morando nos entornos do polo calçadista.

O espaço físico do “Fabricão” comporta 12 micro indústrias, destas, 11 são do ramo calçadista e 1 micro indústria que trabalha com ferragens na produção de navalhas utilizadas no corte das matérias primas dos calçados, sendo responsáveis por movimentar a economia local, já que durante muitos anos o “Fabricão” produziu e exportou produtos para todo o Brasil, possibilitando emprego e renda a boa parte daquela população que ali reside. Segundo Nicácio (2009, p.38), em pesquisa realizada sobre o “Fabricão” em período passado, este:

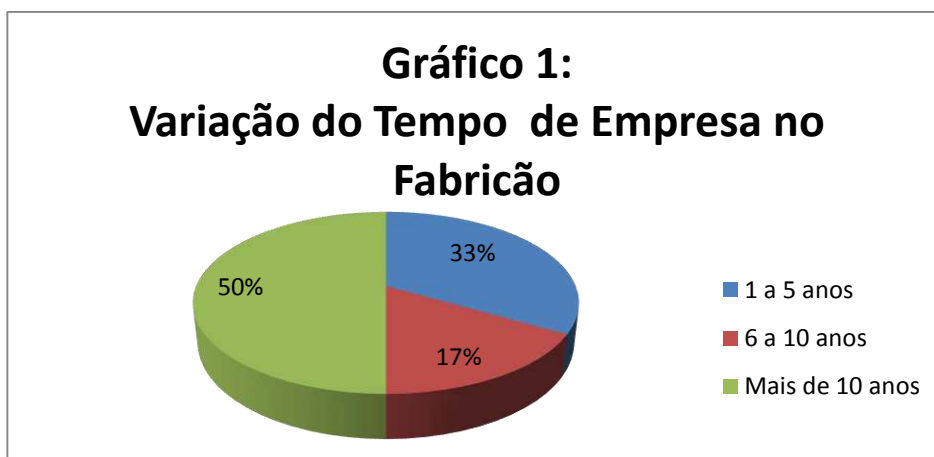
[...] é formado por um total de 12 micro indústrias, todas informais. Está localizado na zona leste da Cidade de Campina Grande, região que concentra mais de 60% das micro indústrias existentes no arranjo produtivo local. Emprega um total de 118 funcionários, e em 2007 obteve uma produção de 859 mil pares de calçados, comercializados principalmente para região sudeste do país.

É importante destacar que ao longo dos anos o “Fabricão” passou por diferentes administrações municipais, responsáveis pela direção do prédio, oferecendo serviços de limpeza e vigilância, mas todas as fábricas são independentes e não tem nenhuma ligação com a prefeitura municipal, além disso, por muitos anos houveram tentativas de transformar o “Fabricão” em uma cooperativa, no entanto, em reuniões entre os proprietários das micro indústrias que compõem o mesmo, chegaram ao consenso que não seria uma alternativa vantajosa, sendo assim, cada fábrica é autônoma, responsável por sua produção e renda.

Portanto, é indiscutível a importância do Projeto “Fabricão” e as atividades desenvolvidas em suas micro indústrias, o mesmo possibilitou emprego, renda e transformações espaciais para o bairro de Santo Antônio e toda Zona Leste, exportou mercadorias para todo território nacional, mas que nos dias atuais passa por um momento bem diferente, com uma baixa produção e menor empregabilidade.

Para entender esse cenário que se encontra o “Fabricão” e todas as dificuldades que os proprietários encontram para dá continuidade no processo produtivo, foi produzido um questionário com 12 questões e aplicado nas micro indústrias que fazem parte do projeto, vale ressaltar que das 12 fábricas existentes no “Fabricão”, 6 se encontravam fechadas ou paralisadas. Através do mesmo obtivemos os seguintes resultados:

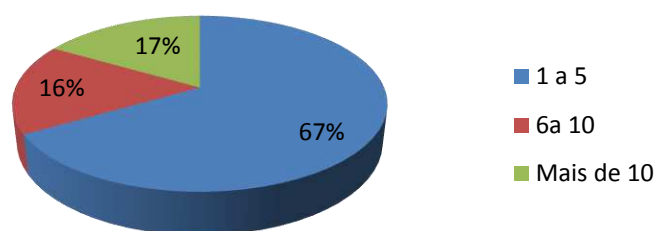
Ao iniciar o questionário foi perguntado aos proprietários o período que os mesmos estavam instalados no Fabricão, onde foram expostas as seguintes opções: De 1 a 5 anos; De 6 a 10 anos e Mais de 10 anos, o resultado foi que 50 % dos entrevistados estão a mais de 10 anos, 33% entre 6 a 10 anos e 17% entre 1 e 5 anos. Mostrando que metade dos antigos proprietários ainda desenvolve a atividade no local, enquanto ao longo dos anos alguns foram repassando seus espaços físicos para outros produtores calçadistas. (Gráfico 1)



FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

Quanto a número de funcionários que trabalham em cada micro indústria, foram disponibilizadas como respostas as opções: De 1 a 5 funcionários, de 6 a 10 funcionários ou mais de 10 funcionários; Onde 67% contam em seu quadro de funcionários entre 1 e 5 colaboradores, 16% contam de 6 a 10 colaboradores e 17% com mais de 10 colaboradores. O que demonstra uma queda no número de empregados, onde algumas micros indústrias hoje tem apenas o proprietário como funcionário. (Gráfico 2)

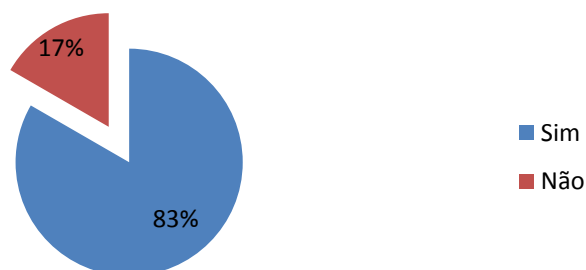
**Gráfico 2:
Funcionários por Micro Indústria**



FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

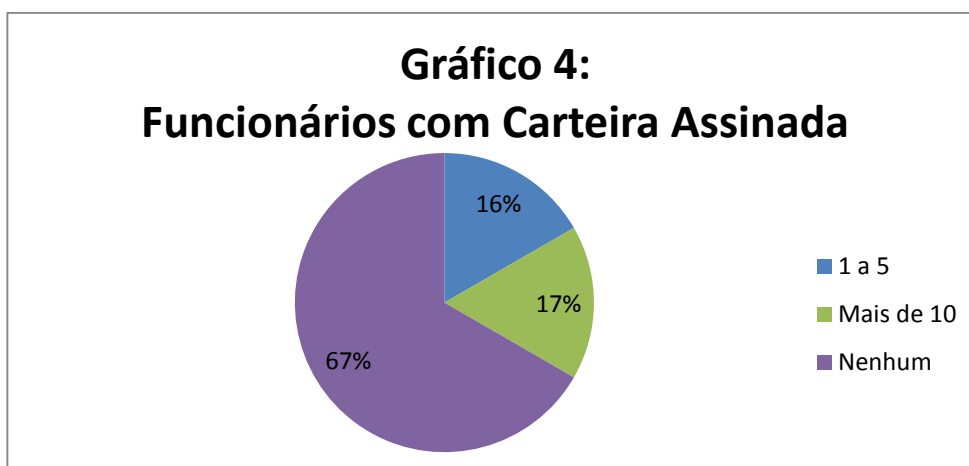
Grande parte das micros indústrias estudadas nasceram em fundos de quintais, tendo como mão de obra na produção dos calçados a família do proprietário, e tais características foram sendo herdadas, segundo o questionário, hoje 83% das empresas existentes no “Fabricão” são familiares ou contam com pessoas com grau de parentesco de primeiro grau ou segundo grau, a exemplo de esposas, filhos, primos e apenas 17% das micro indústrias não tem vínculos familiares em seu corpo colaborativo. (Gráfico 3)

**Gráfico 3:
Empresa Familiar**



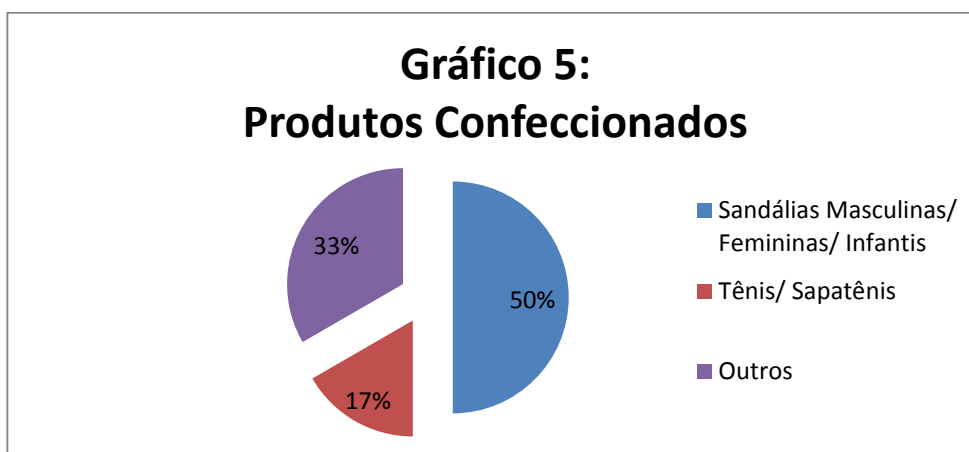
FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

Se tratando de empresas que apresentam uma informalidade característica deste ramo de atividades, os proprietários foram questionados a respeito da situação trabalhista dos colaboradores, e se os mesmos trabalhavam com a carteira de trabalho assinada, e como resultado foi observado que 67% das micro indústrias não trabalham com a carteira assinada, já em 16% delas apresentam entre 1 a 5 colaboradores com carteira assinada e nas outras 17% apresentam mais de 10 colaboradores com carteira assinada. (Gráfico 4)



FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

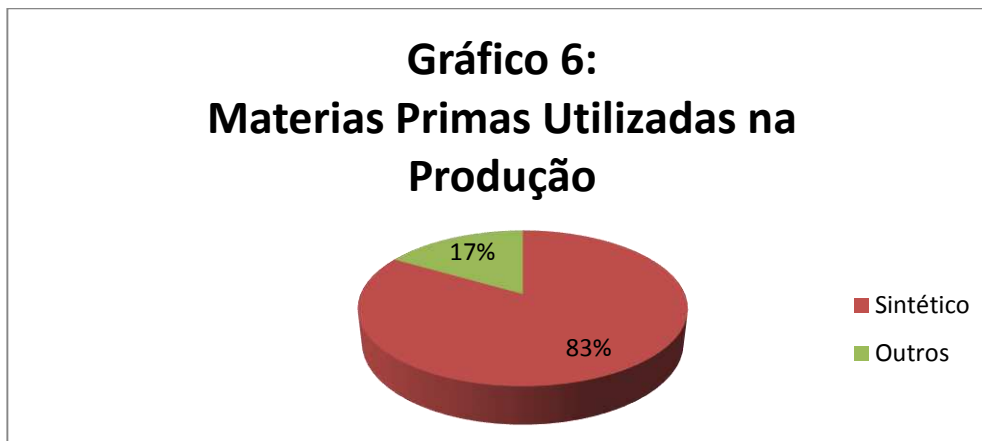
Os produtos fabricados nas micros indústrias presentes no “Fabricão” são bem diversificados, o que possibilita uma concorrência saudável dentro do mesmo, e isso é possível observar no resultado de um dos itens do questionário que pergunta quais são os produtos confeccionados. A partir do mesmo foi visto que 50% das micro indústrias fabricam sandálias masculinas, femininas ou infantis, 17% fabrica tênis e sapatênis, e cerca de 33% trabalham com produtos mais incomuns mas que fazem parte da cultura calçadista, dentre eles estão a fabricação de navalhas utilizadas no corte de matérias primas e também a produção de solados de calçados. (Gráfico 5)



FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

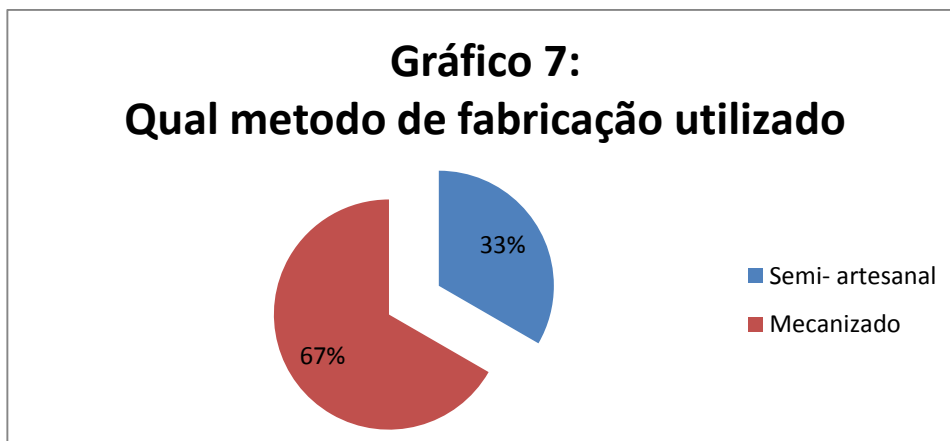
Ao produzir determinado produto é necessário a utilização de matérias primas, no caso do setor calçadista é bem comum o uso do couro como principal matéria prima, outra alternativa é o material sintético, já no “Fabricão” segundo o questionário aplicado foi constatado que cerca de 83% das micro indústrias utilizam do material sintético, principalmente pelo custo mais viável em relação ao couro que não é utilizado por ter

um maior custo, enquanto isso 17% utilizam de outras matérias primas é o caso da indústria de Navalhas que tem como principal matéria prima o aço. (Gráfico 6)



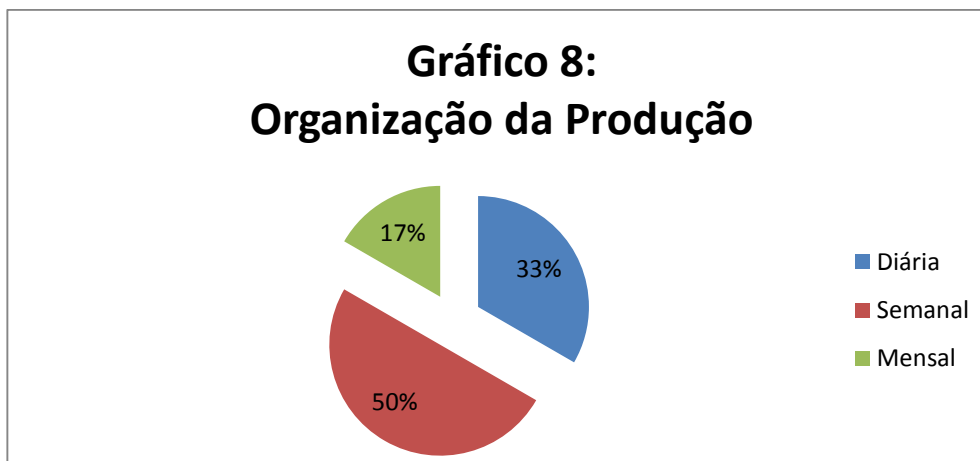
FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

Muitos desses produtores do “Fabricão” aprenderam a profissão através de parentes ou na própria observação do processo, era um processo manual e artesanal, e com o passar do tempo essas técnicas foram sendo mantidas, enquanto outros começaram a adquirir máquinas devido a demanda na produção ou por na perspectiva de ter uma melhor qualidade e agilidade no processo produtivo. Das micros empresas do “Fabricão” foi constatado que 67% são providas de maquinário e 33% ainda aderem ao processo semi- artesanal. (Gráfico 7)



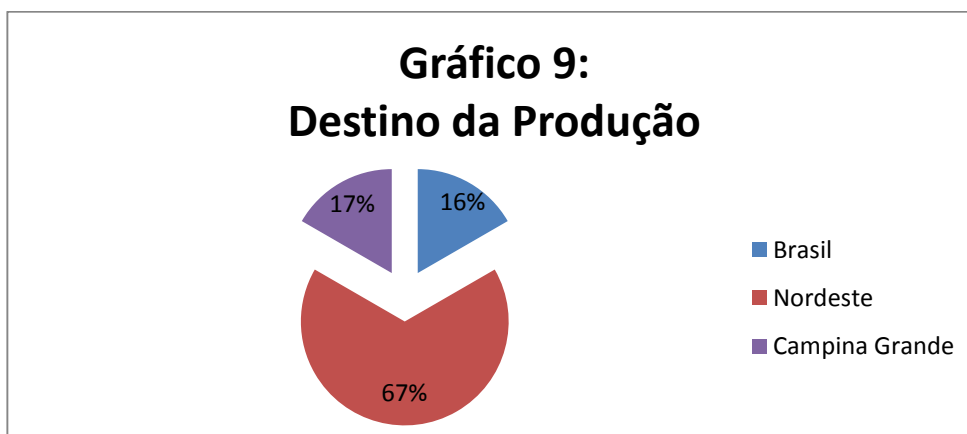
FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

A produção do “Fabricão” é motiva pela demanda encontrada em cada micro indústria e que pode variar conforme a época do ano e situação do mercado a nível nacional, com isso os produtores definem como ocorre sua produção, onde foi constatado que 50% planejam e executam sua produção semanal, outros 33% tem uma produção diária e 17% tem uma produção diária. (Gráfico 8)



FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

O “Fabricão” ganhou bastante notoriedade e importância na cidade, muito devido a estrutura e organização, como também pela exportação de seus produtos para todo Brasil. Com o passar do tempo essa exportação foi diminuindo e atingindo um recorte menor do território do brasileiro. Para ter uma ideia, segundo o questionário aplicado 67% das micros indústrias exportam sua produção apenas para região Nordeste, principalmente para o estado de Pernambuco, enquanto 16% exportam para todo território brasileiro e outros 17% tem como principal destino da sua produção o próprio comércio local campinense. (Gráfico 9)



FONTE: Álvaro A. de Lima. Jul./2017.

A pesquisa nos mostra que houve uma queda significativa em vários quesitos a exemplo de número de funcionários e destino da produção. Os proprietários utilizam como principal causa para esse cenário a crise financeira que aflige o Brasil, onde o mercado esfriou, conseqüentemente a produção diminuiu e o quadro de funcionários precisou ser diminuído. Outro fator alegado é a falta de incentivos e parcerias com

órgãos governamentais, apenas uma empresa tem parceria com o governo do estado e com o sindicato dos calçadistas, refletindo na própria organização da mesma, que conta com cerca de doze funcionários com carteira de trabalho assinada e exportando para diferentes regiões do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor calçadista de Campina Grande apresenta uma grande potencialidade, temos como exemplo a São Paulo Alpargatas, responsável por exportar seus produtos para vários países, por outro lado temos a indústria calçadista informal, lideradas pelas micro indústrias que estão espalhadas por vários bairros da cidade. O estudo em questão foi realizado no “Projeto Fabricão” que, assim como as micros indústrias encontradas na cidade, apresenta uma importante função para a população do bairro Santo Antônio e bairros vizinhos, desempenhando grande papel social e econômico na localidade.

O “Fabricão” através de suas micros indústrias emprega há mais de 20 anos centenas de trabalhadores, muitos deles com determinado grau de parentesco, já que muitas são micro empresas familiares oriundas de indústrias de fundo de quintal, ou ainda pessoas que não tem oportunidade no mercado do trabalho formal, outro detalhe é que muitas micro indústrias do “Fabricão”, realizam um papel social, dando oportunidades de emprego para jovens carentes que vislumbram realizar seu sonho de ajudar a família, ou ainda que estavam no mundo das drogas. O mesmo é fundamental para a economia de populações que habitam bairros localizados na chamada Zona Leste da cidade de Campina Grande, exportando sua produção para várias localidades do Brasil, além de movimentar os entornos do mesmo funcionando como um fixo, que gera o fluxo, isso é visto com o grande número de ambulantes, que vão vender seus produtos no entorno do “Fabricão”, além dos próprios comerciantes que se instalou na localidade, outro exemplo são os vários negociantes que vão a este espaço comprar mercadorias para vender para vários estados do Brasil, caracterizando uma rede de pequenos comerciantes ambulantes em escala regional e nacional.

As mudanças espaciais ficaram evidenciadas pela série de casas que foram construídas nas proximidades, muitas delas ocupadas por pessoas que tem uma relação direta, como familiares de proprietários ou que trabalham em uma das micro indústrias, ou indiretamente como os comerciantes que ali residem, através deste a área em seu entorno ganhou uma representatividade e valorização, elevando o preço do espaço residencial.

O estudo também permitiu observar o momento atual que vive as micros indústrias do “Fabricão”, onde ao longo dos últimos anos apresentaram uma queda em vários quesitos como produção, empregabilidade, exportação. Muitas micro indústrias tinham um quadro maior de funcionários que tiveram que ser demitidos devido a baixa demanda do mercado, micro empresas que tinham 10 funcionários hoje tem apenas 3 colaboradores, outras faziam cerca de 120 pares de sandálias por dia hoje fazem 30 pares, a principal justificativa de muitos proprietários para o atual cenário que vivem, é a crise econômica do Brasil, e que não abandonam a profissão porque o ramo calçadista é tudo que eles tem e sabem fazer, algo que inclusive foi herdado através da família, uma atividade que eles amam, conseqüentemente se essas micro indústrias estão em baixa o reflexo alcança todos envolvidos neste processo, como trabalhadores, famílias, comerciantes locais, que dependem desta atividade para sua sobrevivência.

O “Fabricão” representa para população da “Zona Leste” um amparo social e econômico, demonstrando a força da atividade calçadista informal na cidade, que infelizmente passa por um momento abaixo das suas potencialidades, mas que com o mesmo zelo que os proprietários dedicaram a atividade ao longo de sua vida, eles mantêm suas esperanças para contribuir da melhor forma para a seqüência da atividade no local. Diante do exposto, fica ainda evidenciada a necessidade de políticas públicas por parte dos governos locais para este setor da economia popular, que até o presente momento encontra-se “esquecido”, fornecendo apenas assistência em serviços de limpeza e segurança pública.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. **Relações Sócioespaciais No Contexto Das Indústrias De Calçados Informais De Campina Grande: Paraíba.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia. CCEN/UFPB, João Pessoa – PB, 2011.

ATLAS BRASIL, Campina Grande, Caracterização do Território. Disponível em: < http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/campina-grande_pb#caracterizacao >
Acesso em: 04/07/17

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria.** 5ªed. – São Paulo: Contexto, 1992.

IBGE, Paraíba>>Campina Grande>>Infográficos: Dados Gerais do município. Disponível em:<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=250400&search=paraibalcampina-grandelinfograficos:-dados-gerais-do-municipio>> Acesso em: 04/07/17.

NICÁCIO, Alixandre Magno Lima. **A MICRO INDÚSTRIA CLÇADISTA NA CONTRAMÃO DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO: a cooperativa industrial de calçados do Bairro do Santo Antônio.** Trabalho Acadêmico Orientado. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Uepb/ CEDUC/DHG. Campina Grande-PB, 2009.

PEREIRA, Willian Eufrásio Nunes. **Reestruturação do setor industrial e transformação do espaço urbano de Campina Grande-PB.** 2008, 360f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/teses/tese1.pdf>. Acesso em: 05/07/17.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **Economia, Política e Sociedade.** Edición electrónica, 2006. Disponível em: < <http://www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps/>>.